A ARTE COMO EXPRESSÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

MARIA CRISTINA DE FREITAS

RESUMO

Este artigo discute a arte como uma linguagem essencial do ser humano e como ferramenta de transformação social. A análise vai desde as primeiras manifestações artísticas até o uso de tecnologias digitais, abordando funções culturais, políticas e educacionais da arte. Com uma escrita mais próxima do leitor, com pequenas variações e "falhas humanas", o objetivo é refletir sobre a importância da arte em nossa sociedade, reforçando seu papel como ponte entre culturas e gerações. A arte revela-se, portanto, como um espaço de expressão e diálogo que ultrapassa fronteiras. Ela permite que diferentes vozes sejam ouvidas e que novas narrativas ganhem lugar. Mais do que uma representação estética, a arte transforma realidades e sensibiliza olhares. É por meio dela que sentimentos se tornam coletivos e experiências individuais ganham dimensão social. Assim, a arte continua a ser um elo vital entre o passado, o presente e o futuro da humanidade. A arte é também um convite à imaginação, pois inspira novas formas de pensar e cria espaços de pertencimento coletivo, onde cada pessoa pode reconhecer-se e ao mesmo tempo descobrir o outro. Ela rompe silêncios, questiona padrões e estimula a empatia, aproximando realidades distintas. Ao ocupar tanto museus quanto ruas, escolas e plataformas digitais, a arte mostra sua versatilidade e força de alcance. Dessa forma, mantém-se como uma linguagem viva, capaz de transformar, unir e dar sentido à experiência humana.

Palavras-chave: Arte; Cultura; Expressão; Contemporaneidade; Tecnologia.

INTRODUÇÃO

A arte está presente em tudo, mesmo quando não percebemos. Se olharmos para trás na história, veremos que ela sempre acompanhou os seres humanos, como se fosse uma extensão de quem somos. As pinturas rupestres, feitas com pigmentos naturais em paredes de cavernas, mostram que antes mesmo da escrita, o homem já tinha a necessidade de contar histórias, registrar caçadas, ensinar algo para outros do grupo. Isso mostra que a arte não é luxo, ela é necessidade, é comunicação, é memória.

Hoje, vivemos um tempo completamente diferente, mas essa essência continua. A diferença é que agora temos celulares, câmeras, softwares, internet. Qualquer pessoa pode pegar o celular, gravar um vídeo dançando, postar um poema, criar uma música no computador e compartilhar com milhares de pessoas em segundos. Isso é lindo, mas também cria desafios: será que tudo é arte? Como diferenciar o que é apenas um passatempo do que é uma obra relevante culturalmente? Como lidar com a avalanche de conteúdos? Essas perguntas são fundamentais para entender o papel da arte no século XXI.

DESENVOLVIMENTO

Quando se diz que a arte é uma linguagem universal, isso não é exagero. Ela realmente atravessa barreiras, conecta pessoas que nem se conhecem, que nem falam a mesma língua. Pense em uma música instrumental: mesmo sem entender nenhuma palavra, você pode se emocionar, sentir alegria, tristeza, nostalgia. Isso é a força da arte.

A história da arte é cheia de exemplos. As pinturas rupestres eram uma forma de comunicar e também de ensinar. Mostravam caçadas, animais, rituais. Aquele povo precisava registrar a vida, talvez até para as gerações futuras. Com o passar do tempo, surgiram outras linguagens: a escultura grega que exaltava o corpo humano, as catedrais góticas que buscavam o divino, os quadros renascentistas que traziam ciência e beleza em harmonia. Cada uma dessas expressões comunicava algo específico e revelava a mentalidade de um povo.

A música é outro exemplo incrível. Uma canção africana tradicional e uma sinfonia europeia podem ser completamente diferentes, mas ambas mexem com emoções humanas. Uma criança que não fala português pode dançar ouvindo samba. Isso porque a arte não depende só de palavras; ela fala com

sentidos e emoções.
Na contemporaneidade, isso ficou ainda mais evidente. As redes sociais e plataformas como YouTube, TikTok, Spotify e Instagram deram voz a milhares de artistas que antes talvez nunca seriam descobertos. Isso é ótimo porque democratiza, mas também traz a dificuldade: é muito conteúdo, nem sempre de qualidade. Há quem critique dizendo que hoje "qualquer coisa é arte", mas essa multiplicidade faz parte do nosso tempo. O público precisa aprender a ser crítico, a escolher, a valorizar o que é relevante.
E essa universalidade também gera empatia. Quando vemos uma fotografia de um desastre natural, mesmo em outro país, sentimos compaixão. Quando vemos uma pintura indígena brasileira ou uma obra japonesa, aprendemos sobre outra cultura. É por isso que a arte é tão importante: ela conecta, ensina, emociona, sem precisar de tradução.
A arte e a sociedade caminham juntas, não tem como separar. Em cada época, a arte cumpriu funções diferentes: glorificar deuses, exaltar reis, ensinar, divertir, criticar.
Na Idade Média, por exemplo, muitos não sabiam ler, então os vitrais e pinturas das igrejas eram usados para contar histórias da Bíblia. Era uma forma de ensinar e reforçar a fé. Mais tarde, no Renascimento, a arte voltou o olhar para o ser humano, celebrando a razão, a ciência, o corpo. Foi um período de descobertas e de mudanças profundas, e a arte estava no centro disso tudo.
Com o tempo, a arte também passou a questionar. As vanguardas do século XX romperam padrões: Picasso, com o cubismo, desmontou a figura humana; Duchamp questionou o que é uma obra de arte com seu famoso "mictório" (Fonte). Isso abriu portas para a arte contemporânea, que muitas vezes é mais conceito que objeto.
Hoje, vemos a arte usada para protestar, para conscientizar, para resistir. Murais com mensagens sociais, música de protesto, filmes que discutem desigualdade, performances sobre questões de gênero. A arte está nas ruas, nas redes, nos corpos. Quando um artista pinta um muro denunciando violência policial, ele está fazendo muito mais que um desenho; está gritando por justiça.
E além do protesto, a arte também salva vidas. Projetos sociais que ensinam música, teatro, dança em comunidades carentes mostram isso. Quantos jovens saem do tráfico porque encontraram um violão? Quantas crianças descobrem talentos que mudam suas perspectivas de futuro? No Brasil, por exemplo, projetos como o AfroReggae ou a Orquestra de Heliópolis são provas vivas de que a arte pode transformar.
Não dá para esquecer também que a arte é economia. O cinema movimenta bilhões, os festivais de música lotam cidades, o turismo cultural gera empregos. Quando pensamos em cidades como Paris, Roma, Rio de Janeiro, Nova York, logo lembramos dos museus, teatros, murais, da cultura. A arte é também negócio, é produto, é trabalho.
Nos últimos anos, a tecnologia bagunçou tudo – no bom sentido. Hoje, a arte não precisa de papel, tinta, palco. Ela pode ser totalmente digital. Podemos entrar em museus virtuais, colocar um óculos de realidade virtual e caminhar dentro de uma obra. Podemos ver um show de um cantor em outro continente sem sair do quarto.
A arte digital abriu um mundo de possibilidades: vídeos interativos, games que são verdadeiras obras, esculturas em impressoras 3D, fotografias manipuladas com softwares avançados, arte feita por inteligência artificial. Isso assusta alguns, mas encanta outros. Quem é o autor quando uma IA cria uma pintura? É uma discussão que ainda vamos ter por muito tempo.
Mas a tecnologia também democratizou. Hoje qualquer pessoa pode editar um vídeo, criar uma música, divulgar um texto. Claro que nem tudo é bom, mas essa liberdade é incrível. Nunca se produziu tanta arte como agora.
Por outro lado, tudo isso é muito rápido e volátil. Um vídeo pode bombar hoje e ser esquecido amanhã. Muitas obras digitais desaparecem, ficam presas em plataformas. E também há questões éticas: plágio, direitos autorais, uso indevido de imagens. É um terreno novo, e precisamos aprender a lidar com ele.
Mesmo assim, é fascinante ver um grafite ganhar vida com realidade aumentada, uma peça de teatro transmitida ao vivo para o mundo, um músico compondo com sons gerados por computador. Isso prova que a arte está sempre mudando, mas sua essência é

a mesma: comunicar, emocionar, transformar.

Quando a gente fala de educação, muita gente pensa logo em matemática, português, ciências, essas matérias que sempre foram consideradas as mais importantes. Mas a arte, por muito tempo, ficou meio esquecida ou tratada como algo secundário, quase como se fosse só uma hora de relaxar. Isso é um erro enorme, porque a arte educa de uma forma que nenhuma outra disciplina consegue. Ela trabalha com emoções, criatividade, expressão pessoal, e tudo isso é essencial para formar pessoas completas, que sabem pensar, sentir e agir.

Desde pequenos, quando as crianças têm contato com a arte – seja desenhando, cantando, dançando, dramatizando ou mesmo observando uma pintura –, elas aprendem a se expressar. Uma criança que pinta um sol roxo ou uma árvore azul não está errada; ela está mostrando o mundo como vê ou como gostaria que fosse. Isso ajuda a desenvolver pensamento crítico, porque ela aprende que pode questionar e criar. E esse aprendizado, por incrível que pareça, ajuda até em outras áreas. Estudos mostram que crianças que têm mais contato com a arte desenvolvem melhor a escrita, a fala e até o raciocínio lógico, porque o cérebro fica mais flexível.

Outro ponto é que a arte também ensina sobre empatia. Quando você interpreta um personagem no teatro, você precisa se colocar no lugar dele. Quando você ouve uma música triste, você se conecta com aquela emoção. Isso ajuda a entender o outro, a respeitar as diferenças. Em uma sociedade tão diversa como a nossa, isso é fundamental.

Infelizmente, em muitos lugares, a arte ainda é vista como gasto, não como investimento. Cortes de verba, falta de professores especializados, materiais escassos... tudo isso prejudica o desenvolvimento das crianças e jovens. E quando a arte falta, falta também a oportunidade de descobrir talentos. Quantos músicos, pintores, atores não foram descobertos em aulas simples de escola? É por isso que tantos projetos sociais usam a arte como ferramenta de transformação.

Tem um exemplo muito conhecido que é o AfroReggae, no Rio de Janeiro. Começou em uma favela com oficinas de música e dança para tirar jovens do crime. Hoje é referência mundial. Outro exemplo é o Ballet Bolshoi no Brasil, que leva balé para crianças que nunca teriam acesso a esse tipo de formação. São projetos assim que mostram que a arte salva vidas.

E não é só na infância. Para adultos, a arte também é aprendizado constante. Pintar, escrever, tocar um instrumento, visitar museus, ver filmes que provocam reflexão... tudo isso amplia o olhar, faz a gente questionar, muda a forma de ver o mundo. É como um exercício para a mente e para o coração.

Ao longo da história, a arte também foi resistência. Quando as pessoas não podiam falar, elas pintavam, cantavam, faziam poesias escondidas. Em ditaduras, muitas músicas e peças foram censuradas porque traziam mensagens contra o poder. A arte tem essa força de dizer o que não pode ser dito de outra forma.

No Brasil, durante o período da ditadura militar, os artistas foram fundamentais para manter viva a liberdade de pensamento. Músicas com letras cheias de metáforas, peças de teatro que pareciam inocentes mas escondiam críticas, charges e quadrinhos que ironizavam o sistema. Tudo isso ajudava a manter as ideias vivas.

Hoje, ainda vemos a arte sendo usada como forma de luta. Povos indígenas, por exemplo, usam sua arte para preservar e mostrar sua cultura. Grupos de mulheres fazem performances para denunciar a violência de gênero. Artistas negros usam o rap, a pintura, a moda para falar de identidade e racismo. Cada mural, cada verso, cada cena pode ser um ato político.

O grafite e o muralismo são bons exemplos disso. Em várias cidades brasileiras, os muros viraram telas para mensagens importantes. Muitas vezes, essas imagens chamam mais atenção do que uma notícia no jornal. É a arte ocupando o espaço público, gritando onde antes havia silêncio.

E a transformação social também vem quando a arte chega onde antes não chegava. A gente já falou dos projetos sociais, mas vale reforçar: quando a arte entra numa comunidade carente, ela muda tudo. Não é só entretenimento. É autoestima, é identidade, é oportunidade. Uma criança que toca um violino, que aprende a dançar ou a pintar,

descobre que pode sonhar. E esse sonho, muitas vezes, é o que vai levá-la a mudar sua história.

Pensar no futuro da arte é sempre um exercício de imaginação. Se olharmos para trás, vamos ver que muita coisa que parecia impossível aconteceu. Quem diria que hoje teríamos museus virtuais, shows transmitidos para o mundo inteiro ao vivo pela internet, ou que seria possível criar uma obra de arte com um computador?

Mas o futuro traz desafios. Um deles é o excesso de informação. Hoje, qualquer um pode produzir conteúdo. Isso é bom porque democratiza, mas também dificulta separar o que é arte do que é só entretenimento passageiro. Outra questão é a preservação. Como garantir que uma obra digital continue existindo daqui a 50 anos? Com as mudanças rápidas da tecnologia, muita coisa pode se perder.

Outro desafio é o direito autoral. Com a inteligência artificial, por exemplo, surgem obras criadas por máquinas. Quem é o autor? A máquina? O programador? E será que isso é arte ou apenas reprodução de padrões? Essa discussão está só começando.

Apesar disso, as possibilidades são incríveis. A arte vai continuar mudando, assim como sempre mudou. Provavelmente, vamos ver mais integração entre linguagens: música com vídeo, dança com tecnologia, pintura com realidade virtual. Talvez a arte se torne cada vez mais participativa, com o público deixando de ser só espectador para se tornar parte da obra.

E o mais importante: a arte não vai acabar. Mesmo com todas as mudanças, ela vai continuar sendo necessária. Porque ela não é só técnica, é expressão humana. Enquanto houver emoção, haverá arte.

Falar de arte sem falar de identidade cultural é impossível, porque a arte é uma das maiores formas de contar quem somos. Cada região, cada povo, cada comunidade carrega no seu fazer artístico uma memória viva. Pense no Brasil: o samba, o frevo, o bumba-meu-boi, a literatura de cordel, a cerâmica marajoara, as pinturas rupestres de Serra da Capivara. Cada uma dessas manifestações fala de um povo, de uma história, de um jeito de ver o mundo.

Quando uma pessoa tem contato com a arte do seu lugar, ela se reconhece, se sente parte de algo maior. E quando conhece a arte do outro, aprende a respeitar, a admirar, a entender a diversidade. Isso é importantíssimo hoje, porque vivemos em um mundo globalizado em que as culturas se misturam o tempo todo. Se a gente não conhece a própria história, corre o risco de perder a identidade.

Um ponto que precisa ser dito é que muitas culturas foram invisibilizadas ou desvalorizadas, principalmente as indígenas e africanas no Brasil. Por muito tempo, a arte considerada “nobre” era a europeia: pintura a óleo, música clássica, teatro de ópera. Mas aos poucos, essas barreiras estão caindo, e a gente vê o maracatu, o funk, o grafite, a moda periférica ganhando espaço e reconhecimento. Isso é arte viva, popular, mas não menos importante.

A identidade cultural também se fortalece quando a arte vira ferramenta de resistência. Povos indígenas, por exemplo, usam o artesanato, os cantos, as pinturas corporais como forma de afirmar “nós estamos aqui”. Da mesma forma, a cultura negra usa o rap, o slam, a dança para falar de vivências, lutas, dores e vitórias. São expressões que não só encantam, mas também educam e denunciam.

Essa diversidade precisa ser protegida e valorizada. Museus, escolas, universidades e políticas públicas têm um papel essencial nisso. Sem incentivo, muita coisa se perde. Quantas danças, cantos, técnicas artesanais desapareceram porque não houve registro? A arte, nesse sentido, é também um documento da história.

Nos últimos anos, a tecnologia virou quase uma extensão do ser humano, e claro que isso impactou a arte. Hoje, vemos artistas usando impressoras 3D para criar esculturas, realidade virtual para imersões em museus, inteligência artificial para compor músicas ou gerar imagens. É um campo que está mudando muito rápido e abrindo portas que antes pareciam de ficção científica.

Por exemplo, já existem exposições totalmente digitais, onde a pessoa entra em uma sala e é envolvida por projeções que mudam conforme ela se move. A arte se torna experiência, não apenas algo para ser visto. Isso tem um lado muito positivo, porque aproxi-

ma pessoas que antes não tinham acesso. Um jovem em uma cidade pequena pode visitar o Louvre sem sair de casa.
Mas também tem os dilemas: será que a arte perde a essência quando vira só tecnologia? O toque do pincel, o som do instrumento, a energia de uma plateia... tudo isso pode se perder? É um debate que ainda vai render muito. Outro ponto é a questão da autoria. Quando um software cria uma música, quem é o dono? O programador? A empresa? Isso desafia as leis e a própria ideia de "gênio criador".
Apesar dos desafios, a tecnologia também democratiza. Hoje, com um celular, qualquer pessoa pode fotografar, filmar, editar, postar. Isso faz com que muita gente que nunca teria espaço em galerias ou editoras consiga mostrar sua arte para o mundo. É uma revolução silenciosa que já está mudando a forma de consumir cultura.
A arte não está só nos museus, nos palcos ou nas telas de cinema. Ela está no dia a dia, muitas vezes sem que a gente perceba. A música que toca no ônibus, a estampa da camiseta, a arquitetura da praça, o grafite no muro. Tudo isso é arte e mexe com a gente, influencia nosso humor, nosso jeito de pensar, até as nossas escolhas.
A gente vive cercado de estímulos visuais e sonoros, e muitos deles são fruto de processos criativos. Uma cidade sem arte seria cinza, sem vida. Imagine prédios sem design, ruas sem cores, sem música nas festas, sem livros para sonhar, sem filmes para viajar. A arte dá sentido, beleza e até esperança.
E mais: a arte é um direito. Todo mundo deveria ter acesso a ela. Por isso, bibliotecas, museus, teatros, centros culturais precisam ser públicos e inclusivos. Não é luxo, é necessidade. Quando uma criança descobre um livro, quando uma pessoa vai a uma exposição pela primeira vez, quando uma comunidade pinta um mural juntos, aquilo marca vidas.
Até mesmo para a saúde mental a arte é essencial. Terapias artísticas, música para relaxar, pintura como passatempo, dança para aliviar o estresse. A ciência já comprovou que a arte ajuda a diminuir a ansiedade, melhora a memória e até contribui na recuperação de doenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tudo isso, dá para perceber que a arte é muito mais do que entretenimento. Ela é conhecimento, história, identidade, resistência, cura, educação. Ela faz parte do que somos. Por isso, investir em arte não é gastar, é construir sociedade.
O futuro vai trazer novas formas de fazer arte, novas tecnologias, novas linguagens. Mas o essencial não muda: a arte é humana, é emoção transformada em forma, som, cor, movimento. Enquanto houver gente querendo sentir, sonhar, contar histórias, a arte vai continuar existindo.
Mais do que nunca, precisamos valorizar, estudar, criar e apoiar. Porque sem arte, o mundo fica menor, mais frio e sem graça. E com ela, tudo pode ganhar novas cores e significados. A arte, ao longo da história, tem desempenhado um papel essencial na formação cultural e social das sociedades. Ela não se limita apenas à expressão estética, mas atua como um meio de comunicação profundo, capaz de transmitir sentimentos, histórias e valores que, muitas vezes, ultrapassam a linguagem verbal. Quando uma obra de arte é contemplada, o observador é convidado a refletir sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo ao seu redor, estabelecendo uma conexão única e pessoal com aquilo que é apresentado.
Além disso, a arte exerce influência direta na educação, sendo um recurso valioso para o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças, jovens e adultos. Nas escolas, ela estimula a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas de maneiras inovadoras. Através do desenho, da música, do teatro e da dança, por exemplo, é possível trabalhar competências que vão além do conhecimento acadêmico, promovendo empatia, colaboração e expressão individual.
A presença da arte em espaços públicos também fortalece o senso de comunidade e identidade cultural. Murais, grafites e performances urbanas transformam cidades em galerias a céu aberto, permitindo que a população interaja com a arte de forma cotidiana. Essa aproximação amplia o acesso à cultura e democratiza experiências que, historicamente, poderiam estar restritas a ambientes elitizados, como museus e teatros.

No contexto digital, a arte ganha novas dimensões e possibilidades de alcance. Plataformas online e redes sociais possibilitam que obras sejam compartilhadas instantaneamente, conectando pessoas de diferentes partes do mundo e promovendo diálogos interculturais. Essa expansão tecnológica não diminui a intensidade da experiência artística; ao contrário, ela oferece múltiplas perspectivas e interpretações, tornando o contato com a arte ainda mais dinâmico e interativo.

A arte também atua como agente de reflexão social e política, questionando normas, expondo desigualdades e propondo novas formas de pensar a realidade. Artistas assumem papéis de críticos e observadores, transformando experiências pessoais em narrativas que podem sensibilizar e mobilizar comunidades inteiras. Nesse sentido, a arte não apenas representa a sociedade, mas participa ativamente de sua transformação.

Por fim, é importante destacar que a arte é inclusiva e plural. Cada pessoa encontra nela diferentes significados e conexões, permitindo que múltiplas vozes coexistam e dialoguem. Esse caráter inclusivo reforça a ideia de pertencimento e acolhimento, promovendo ambientes mais humanos, compreensivos e conectados. Assim, a arte permanece como uma linguagem viva, vital para a construção de uma sociedade mais sensível, criativa e colaborativa, capaz de transformar experiências individuais em coletivas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COLI, Jorge. O que é arte? São Paulo: Brasiliense, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2020.

UNESCO. Relatório mundial sobre a diversidade cultural. Paris: UNESCO, 2022.

Artigos e notícias sobre projetos culturais brasileiros (AfroReggae, Ballet Bolshoi, museus virtuais).